

Apresentação

José Augusto Mourão¹

A semiótica é uma disciplina das ciências do homem que partilha alguns traços da sua identidade com a linguística, a psicologia, a sociologia, a antropologia, a filosofia, a comunicação, a cibernética e a biologia. Supõe-se, num primeiro momento, que ela deve desempenhar um papel na descrição e na avaliação das estratégias da comunicação. Num segundo momento, tenta-se ultrapassar esta perspectiva, demasiado estreita, afinal, mostrando as possibilidades de intervenção da abordagem semiótica. O salto consiste em dizer que a semiótica deve ser capaz (1) de simular os efeitos de significação esperados, (2) de preconizar as soluções adaptadas e (3) gerar o conjunto do processo da significação, concepção e inovação.

1. Deve-se a Sebeok a expressão “Global semiotics” (1994a, 2001b) que vem mudar consideravelmente o campo da semiótica. Este autor situa a viragem na história da semiótica na primeira metade dos anos sessenta, quando as fronteiras da semiologia se alargam. Sebeok chama a este paradigma até então dominante “the minor tradition” que opõe àquilo a que vai chamar “the major tradition” representada por John Locke e Charles S. Peirce e os mais antigos estudos sobre os signos e sintomas por Hipócrates e Galeno.

2. Por virtude desta abordagem “global” ou “holística”, a pesquisa de Sebeok no interior da vida dos signos é imediatamente associada à sua preocupação com os “signos da vida”. Nesta perspectiva, semiosis e vida coincidem: “semiosis is the criterial attribute of life”. Donde a crítica da teoria e da prática semiótica a que chama antropocêntrica e glotocêntrica. Na sua perspectiva abre-se o campo que inclui a zoosemiótica (termo criado em 1963) ou mais latamente biosemiótica por um lado e endosemiótica por outro (ver Sebeok, ‘Biosemiotics. Its roots, proliferations, and prospects’ in Sebeok 2001b).

3. O objecto da semiótica global, ou semiótica da vida, é a semiosfera. Este termo chega-nos de Y. Lotman (1991) mas é entendido por Sebeok (‘Global semiotics’ 1994a, e agora em 2001b) num sentido muito mais extenso. Lotman limita a esfera da referência do termo ‘semiosfera’ à cultura humana, não havendo fora desta esfera qualquer comunicação (Lotman 1991: 123-124).

Na perspectiva de Sebeok, em que a semiosfera coincide com a vida, a semiosfera identifica-se com a biosfera, termo cunhado por Vernadsky em 1926, e emerge doravante como a semiobiosfera.

4. Ao longo dos anos 80 e 90, a paisagem científica em que evolui a semiótica conheceu grandes transformações: enfraquecimento do estruturalismo, desenvolvimento das ciências cognitivas, regresso à fenomenologia, pedido crescente em matéria de análise da significação das práticas sociais, artísticas e tecnológicas. A semiótica está sempre a descobrir novos domínios de investigação – as interações sociais, os objectos do quotidiano, os documentos electrónicos, sem renunciar contudo às linguagens literárias e visuais a partir de que se construiu.

5. Hoje podemos ver em cena três tipos de abordagens semióticas: (1) abordagens generalizantes, com objectivos teóricos e especulativos, na proximidade da filosofia das ciências, da lógica, da epistemologia das ciências humanas, etc. sem que exista um verdadeiro consenso entre teóricos; (2) abordagens particularizantes que definem de cada vez um corpus homogéneo de aplicações; Fala-se de “semióticas particulares”, tais como a narratologia, a semiótica do filme, a semiótica visual, a semiótica das paixões, a zoosemiótica, a sociosemiótica, etc. (3) abordagens aplicativas, que realizam análises que incidem sobre corpus suficientemente restritos que possam chamar-se exaustivas; estas aplicações dependem das duas primeiras categorias, sem exigência de con-

tinuidade entre si; é o que acontece com análises semióticas de filmes feitas a partir de Peirce, de Greimas ou de Tartu (Jean-Marie Klinkenberg, 1996). Da semiótica dos objectos (Michela Deni) à semiótica do texto fílmico (Desiderio Blanco, Pierluigi Basso), à semiótica dos media e da cognição (Santaella e Nöthe), das figuras da polémica (Chetouani), da noção de estratégia aplicada ao campo da comunicação (Bertin), não faltam os campos de aplicação, cada vez mais vastos em que a semiótica exerce a sua influência.

6. Podemos alinhar três teses sobre as tarefas da semiótica:

a. como uma ciência-objecto que estuda todos os tipos de signos, i.e., todos os eventos que envolvem signos;

b. como uma abordagem interdisciplinar dando especial cobertura à interacção entre si próprio e os signos relacionados com

disciplinas e fruindo da competição com outras abordagens interdisciplinares – hermenêutica, teoria Gestáltica, teoria da informação, teoria sistémica, etc.;

c. como uma metaciência que assume todas as disciplinas académicas relacionadas com o signo como seu domínio, sem serem reduzidas à filosofia da ciência, mas comprometidas, como ciência, numa relação dialógica com a filosofia.

Os títulos das comunicações apresentadas ao Lusocom reflectem à sociedade um poder de extensão considerável, tanto nos domínios como nas aplicações, o estado actual da investigação em semiótica.

¹ Universidade Nova de Lisboa. Coordenador da Sessão Temática de Semiótica e Texto do VI Lusocom.